

# Baião - o que ver e visitar

## Património / Monumentos

**1. Dólmen de Chã de Parada** (Outras designações: Anta de Chã de Parada; Dólmen da Fonte do Mel; Casa da Moura de S. João de Ovil; Casa dos Mouros)

Classificação: Monumento Nacional

Localização: Serra da Aboboreira, Freguesia de S. João de Ovil

→ Construído durante a primeira metade do III milénio a. C., este monumento funerário pré-histórico faz parte de um conjunto de quatro outros exemplares pertencentes à denominada Necrópole megalítica da Serra da Aboboreira. A mamoa encontra-se inserta num tumuli de terra, com cerca de 25 m de diâmetro, e apresenta-se revestida por material pétreo. A câmara, de planta poligonal, é constituída por oito esteios laterais e um de cobertura, este último de consideráveis dimensões. De planta sub-rectangular, o corredor é relativamente curto, com cerca de 3,70 m de comprimento. Uma das particularidades desta mamoa reside na presença de um conjunto de pinturas nos seus esteios, todas elas executadas a vermelho, compreendendo motivos esteliformes e circulares, além de um sub-rectangular de base trapezoidal e apêndice lateral encurvado.

**2. Pelourinho da Teixeira** (Outras designações: Pelourinho da Rua )

Localização: Freguesia da Teixeira

→ Este monumento assinala o antigo concelho da Teixeira ( com foral de D. Manuel de 1514), integrado no concelho de Baião, por ocasião da reforma liberal das administrações municipais..

**3. Igreja de Ermelo**

Localização: Freguesia de Ancede, Lugar de Ermelo.

→ A Igreja Românica, de três naves, com uma belíssima janela gótica, integrava o antigo Mosteiro de Santa Maria de Ermelo, anterior à nacionalidade, do qual se destaca a Igreja Românica, de três naves, (Alguns historiadores defendem que a primeira construção seria anterior à invasão mourisca, ou seja, ainda dos tempos da dominação visigótica).

**4. Casa de Penalva** (Outras designações: Solar dos Azeredos Pinto )

Localização: Freguesia de Ancede, Lugar de Penalva

→ A documentação existente, estudada e divulgada pelo proprietário (AZEREDO, 1938), permite acompanhar a evolução da casa de Penalva, que constitui um bom exemplo das sucessivas campanhas arquitectónicas de que muitos edifícios foram objecto, ao longo dos séculos, conservando, no entanto, o equilíbrio e as linhas de força que mais caracterizam o imóvel (AZEVEDO, 1969, pp. 15-17).

Foi primeiro senhor de Penalva, António de Azeredo Pinto, que veio de Mesão Frio para se instalar em Baião, no primeiro quartel do século XVII, remontando a esta época as zonas mais antigas da casa (AZEREDO, 1938, p. 71; IDEM, 1914).

Assim, e partindo de um primeiro núcleo seiscentista, que corresponde às actuais zonas de serviços, a Casa de Penalva foi ampliada em 1738, construindo-se, nessa época, parte da actual fachada. As obras deste período ficaram a dever-se à iniciativa de Francisco José de Azeredo e Melo, prolongando-se, muito possivelmente até à segunda metade do século. Foi, no entanto, entre 1870 e 1871 que a planta do imóvel passou a desenhar um L, com alçado principal longo e oratório numa das extremidades. Na verdade, a capela primitiva, dedicada a Santa Bárbara e edificada em 1640, encontrava-se afastada da casa, tendo sido demolida em 1900 por ameaçar ruína. Sobreveio-lhe, apenas, o lintel da porta com uma inscrição referente à sua fundação, que passou integrar a capela edificada em 1870, no interior da casa, e que viria a ser reconstruída em 1933 (IDEM, p. 72), ganhando, então, um maior destaque no prolongamento da fachada. Esta, voltada para o jardim, desenvolve-se em dois registos, com vãos rectangulares no primeiro e janelas de guilhotina, com molduras recortadas no segundo. Destacam-se as centrais pelo lintel coroado por volutas e medalhão central. O ritmo destes vãos converge para a porta, de moldura recortada e encimada pela pedra de armas dos Azeredo e Pinto, implantado já ao nível do

frontão triangular que a empena desenha. A capela, com portal e óculo quadrilobado profusamente decorados e recortados, termina num frontão triangular de lanços contracurvados, com fogaréus no prolongamento dos cunhais.

## 5. Casa do Arcouce

Localização: Freguesia de Loivos do Monte, com acesso pela E.N. n.º 321

→ Composta por volumes diferenciados que desenharam um L aberto para um vasto terreiro antecedido por portal ameado, a Casa de Arcouce é bem um exemplo das diversas intervenções que os edifícios habitacionais são objecto ao longo dos séculos, e que transformam a sua arquitectura, adaptando os imóveis às necessidades dos sucessivos proprietários.

A mais antiga referência sobre a Casa remonta a 1612, sabendo-se que aqui faleceu, em 1659, António Jorge Gomes, o primeiro senhor de Arcouce de que há notícia (SILVA, 1958,p.285).

O imóvel que hoje conhecemos é, muito possivelmente, uma construção mais tardia, já do final do século XVIII ou inícios do XIX, integrando e recuperando a casa anterior. Na verdade, só a partir do nascimento de Francisco Carlos de Azeredo Pinto e Melo, em 1790, é que encontramos as famílias presentes da pedra de armas da fachada, facto que deverá indiciar uma campanha de obras de maior vulto. Em todo o caso, é difícil determinar com exactidão os trabalhos e respectiva cronologia, uma vez que a documentação apenas refere as campanhas arquitectónicas mais próximas. É o caso da capela, dedicada a Santo António e mandada erguer, em 1814, por D. Rosa Joaquina de Freitas, herdeira da propriedade, e viúva de António de Azeredo de Araújo e Melo, falecido em 1800 (IDEM, p. 286). Mais recentemente, já no século XX, Francisco Carlos de Azeredo Pinto e Melo e Leme, nascido nesta Casa a 6 de Outubro de 1900, introduziu novas alterações, recuando a capela.

A entrada principal efectua-se através da fachada que faz ângulo com o frontispício do templo, e ao qual se acede através das escadas de lanço único, com guarda de volutas. A porta é de verga recta, e ao lado abre-se uma janela de avental trabalhado. Entre ambas, o brasão da família ocupa um lugar de destaque: trata-se de um escudo esquartelado, no 1º quartel, Azereados; no 2º, Pintos; no 3º, Araújo; e no 4º, Melos. A capela, tal como a casa, apresenta pilastras nos cunhais, encimadas por pináculos. O portal é abatido, abrindo-se na zona superior do alçado, que termina em empena, um óculo quadrilobado. Nas restantes fachadas, com vãos simétricos e de linhas rectas com aventais trabalhados ao nível do andar nobre, merece especial referência o corpo ameado, e o alçado que se abre a Norte, com varanda alpendrada sustentada por colunas torsas.

## 6. Convento de Ancede (Outras designações: Mosteiro de Santo André de Ancede)

Localização: Freguesia de Ancede

→ O Convento de Santo André de Ancede, foi primeiro da Ordem de Santo Agostinho e, mais tarde, da dos Dominicanos, igualmente anterior à invasão mourisca, ou pelo menos coevo da fundação da nacionalidade - pois veio a obter Carta de Couto de D. Afonso Henriques, em 1141. A ele encontra-se anexa a actual Igreja Matriz, de três naves (1689), que, além do seu indiscutível valor arquitectónico, contém um precioso núcleo museológico de arte sacra, onde se incluem, para além de valiosas peças de paramentaria, uma Custódia (semelhante à que se diz ter saído das mãos de Gil Vicente), várias Cruzes Processionais e um Cofre com a cabeça do «frade santo», tudo em prata, e, ainda, pinturas inspiradas na Escola de Grão-Vasco, com relevo para o tríptico, e notáveis exemplares de estatuária religiosa.

De notar que as construções actualmente existentes correspondem ao período dominicano, depois de o mosteiro ter sido anexado, em 1560, ao Convento de S. Domingos de Lisboa e reflectem, pela sua riqueza, para além da importância cultural e religiosa o seu poder económico, derivado do extenso número de propriedades que possuíam em várias regiões do Norte do país e, sobretudo, dos lucros da venda do vinho (O início da construção da actual Adega e dos Celeiros data de 1753).

Acrescem a este acervo patrimonial os inconfundíveis conjuntos escultóricos com verdadeiras representações cénicas da vida de Cristo, ao jeito do estilo barroco, segundo a devoção do Rosário divulgada pelos Dominicanos, na Capela do Bom Despacho (1731), erigida no Adro da mesma Igreja.

## 7. Igreja Paroquial de Valadares

→ A Igreja Românica de Valadares, antigo local de passagem dos peregrinos de Santiago integra algumas características arquitectónicas interessantes, desde o seu pórtico principal até à cachorrada de tipo românico que circunda a capela - mor, mas o que lhe confere especial motivo de interesse, são as pinturas a fresco, do séc. XV, caracterizadas pela sua raridade.

## 8. Casa da Cocheca

Localização: Freguesia de Mesquinhata

→ Embora o edifício actual, com um bonito alçado principal e uma imponente pedra de armas, seja uma reconstrução dos princípios do século XVIII, quando a capela (datada do Séc. XVII) foi anexada ao solar, há notícias de que a primitiva casa, com a sua quinta, esteve aforada ao Convento de Salzedas, no século XVI.

Para além da magnífica paisagem envolvente, nas proximidades do rio Douro, o belo conjunto de edifícios convida também a uma visita pela mostra permanente de artesanato, vinhos e outros produtos regionais, num agradável espaço da antiga adega.

## 9. Casa de Agrelós

Localização: Freguesia de Santa Cruz do Douro

→ Implantada numa plataforma elevada em relação ao resto da propriedade, e parcialmente delimitada por uma balaustrada de granito, aberta por escadarias de acesso às cotas inferiores, a Casa de Agrelós destaca-se pela torre neoclássica que se ergue a meio de um corpo residencial setecentista.

Parece certo que existia um edifício no século XVII, ideia que se confirma pela data de 1612, inscrita no interior do imóvel, e que este foi objecto de uma remodelação e ampliação na centúria seguinte, muito possivelmente, já na segunda metade (AZEREDO, 1938, p. 117). Na verdade, os elementos decorativos que encontramos nas molduras dos vãos da fachada principal são já rocaille, e a capela exhibe uma inscrição que faz remontar a sua edificação a 1764, o que ajuda a balizar a cronologia desta campanha de obras.

O corpo setecentista, baixo e de dois pisos, apresenta fachadas depuradas e pouco simétricas, à excepção da principal, com duas janelas de guilhotina de cada lado da torre. Esta, é uma edificação mais recente, datada de 1855 (segundo inscrição), e que se integra numa nova campanha, também responsável pela remodelação da capela, alguns anos mais tarde, em 1867 (de acordo com a inscrição já referida). A torre, que se ergue muito acima dos restantes volumes da casa, é o elemento de maior erudição do conjunto, denotando, no seu desenho neoclássico, a influência da arquitectura inglesa portuense. No alçado correspondente à fachada principal do imóvel, apresenta cantaria aparente, e é aberta por uma porta em arco de volta perfeita, a que se segue uma janela de guilhotina e uma outra de sacada, sendo rematada um frontão triangular em cujo tímpano se inscrevem as armas do "fidalgo cavaleiro da casa real e morgado de campello" que mandou construir a torre, ou seja, António Ferreira Cabral Paes do Amaral (AZEVEDO, 1969, p. 106). Originalmente, a propriedade pertencia à família Peixoto, tendo passado, por doação, para a posse dos Ferreira Cabrais, oriundos de Penaventosa, que aqui se instalaram no final de Setecentos (AZEREDO, 1938, p. 117).

Apesar da construção tardia, a torre da Casa de Agrelós é um exemplo da manutenção e aceitação, na arquitectura civil, de um elemento que remonta ao período medieval, mas que soube adaptar-se e integrar-se nas diferentes épocas e linguagens arquitectónicas, sendo recuperado quando existia ou sendo introduzido quando não havia vestígios conhecidos, como era o caso de Agrelós ((AZEVEDO, 1969, p. 60).

## Património Cultural

O Património Cultural inerente aos monumentos classificados ou em vias de classificação é complementado com um vasto acervo de outras referências históricas e literárias que vão do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (o maior conjunto neolítico estudado na Península), a diversidade de vestígios castrejos e de outras eras, os percursos da época romana e das peregrinações a Santiago, ao lugar mítico que é a Casa e Quinta de Tormes.

Aqui a memória leva-nos também para um conjunto de outros nomes do primeiro plano das letras portuguesas, como são os de Camilo Castelo Branco, Frei Domingos Vieira, Visconde de Vila Moura, Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Augustina Bessa Luís e António Mota.

Na antiga Casa de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, que inspirou, de imediato o seu proprietário a escrever o conto "Civilização", a Fundação Eça de Queiroz operou o verdadeiro milagre de transformar a ficção em realidade, e ali ocorrem anualmente mais de 7 000 visitantes para ver a casa que inspirou a "Cidade e as Serras", os livros, os móveis e os objectos pessoais do seu autor que, para muitos, é o nosso maior romancista. À volta, inscrita na paisagem que descreveu melhor do que ninguém, a quinta de onde sai o vinho "que entra mais na alma do que qualquer poema ou livro santo".

De Camilo são várias as referências, desde a sua amizade com Manuel Negrão, da Casa de Mosteirô, a estalagem dos Padrões da Teixeira, o perfil do Marquês, a Doida do Candal, mas sobretudo as intrigas amorosas em que se envolveu com a desafortunada Fanny, cuja memória paira sobre a Casa do Lodeiro, em Santa Cruz do Douro e que havia de configurar o cenário para uma das mais célebres peças da cinematografia portuguesa, "Francisca", de Manoel de Oliveira, com guião de Augustina Bessa -Luís.

Do Grilo e de Mesquinhata saiu um dos maiores contributos para o enriquecimento e prática apurada da língua portuguesa pela mão de Frei Domingos Vieira com a publicação do Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa.

Também do Grilo nos vem a memória de um autor de muitos escritos, narrativos e ensaísticos, o Visconde de Vila - Moura, amigo de Camilo, e que, a título de exemplo, ficcionou a vida desse outro notável baionense que foi o "Imaginário", de cujas mãos saíram muitos exemplares da nossa melhor arte sacra.

A Soeiro Pereira Gomes, nascido em Gestaçô, ficamos a dever essa obra inesquecível que é o primeiro grito de alerta contra a exploração do trabalho das crianças em condições desumanas e que dá pelo nome de "Esteiros", dedicado "aos filhos dos homens que nunca foram meninos".

Já o seu companheiro de escola literária, marcada pelos cânones do neo-realismo, Alves Redol, legou - nos uma viva e dramática descrição da angústia em que os arrais e barqueiros dos rabelos viam perigar o seu modo de vida, á medida que avançava construção do caminho de ferro, ali sobre a Pala e Porto Manso.

De António Mota, nascido em Vilarelho, na freguesia de S. João de Ovil, a obra é já muito vasta, mas esperam-se ainda muitos mais livros e histórias tão bonitas como "Pardinhas", "O Rapaz de Louredo" ou "Cortei as Tranças". A qualidade da sua obra foi publicamente reconhecida, por diversas vezes, ao mais alto nível nacional, como atestam os prémios da Associação Portuguesa de Escritores e o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para crianças e jovens.

Mas também o Cancioneiro Popular que ocupa uma boa parte da Literatura Oral do Concelho, recolhido por Carlos Nogueira e publicado na Revista Bayam, tem vindo a afirmar-se no conjunto do nosso património imaterial como valioso contributo para o melhor conhecimento da identidade local e regional.

## Rio Douro

Baião tem o privilégio de juntar ao pico mais alto do Marão, com a romaria da Senhora da Serra a lembrar-nos o culto pré-cristão do deus Sol, a uma das mais extensas margens (cerca de 30 Km) do rio Douro, numa região de características únicas que dá pelo nome de Ribadouro ou Douro Verde. Ponto de união com os concelhos vizinhos de Cinfães e Resende e marcado por antigos ancoradouros de atravessamento das vias de origem romana e medieval (Mosteirô, Aregos, Mirão, Ermida) foi celebrado por Alves Redol em termos tão poéticos como estes: *"Em cada meneio uma paisagem. Em cada paisagem uma cor. É um caminho de alucinação e de sonho."* Concretamente, sobre Porto Manso, uma das aldeias mais típicas do concelho (tal como a de Mafômedes, lá no alto do Marão) e ninho de marinheiros, desabafa: *"Está ali também à vista do Douro e acasalado com laranjeiras e mais árvores de fruto. Escorre de um monte maneiro em cujo cimo marulham pinheiros...A aldeia ao longe é um presépio bonito"* (Redol, Porto Manso) .



Mas o Douro de hoje já não é bem o de Alves Redol, regularizado com a magnífica Albufeira da Pala, a Ponte da Ermida e a Ponte de Mosteirô, sendo esta última a *"mais bonita"* nas palavras do seu próprio autor que foi esse génio da engenharia nacional chamado Edgar Cardoso.